CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

O PROCESSO DE CRESCIMENTO DO POVOADO DE BORRACHA, EM VICÊNCIA-PE

EDILZA BANDEIRA DE ARRUDA CAMPOS

Recife – 2005

EDILZA BANDEIRA DE ARRUDA CAMPOS

O PROCESSO DE CRESCIMENTO DO POVOADO DE BORRACHA, EM VICÊNCIA - PE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco para a obtenção do grau de mestre em Geografia, sob orientação da Professora Marlene Maria da Silva.

Recife

2005

Campos, Edilza Bandeira de Arruda
O processo de crescimento do povoado de Borracha, em Vicência-PE / Edilza Bandeira de Arruda Campos. – Recife : O Autor, 2005.
58 folhas : il., fig., fot., mapas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2005.

Inclui bibliografia.

1. Geografia agrária – Aglomerado rural – Vicência-PE. 2. Produção agrícola – Povoado de Borracha - Vicência-PE. I. Título.

911:338.43.01	**CDU (2.ed.)**	**UFPE**
911	**CDD (21.ed.)**	**BC2005-044**

EDILZA BANDEIRA DE ARRUDA CAMPOS

O PROCESSO DE CRESCIMENTO DO POVOADO DE BORRACHA, EM VICÊNCIA-PE.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2005

Banca examinadora

Marlene Maria da Silva (Orientadora)

Alcindo José de Sá (Examinador Interno)

Anelino Francisco da Silva (Examinador Externo)

Cláudio José Moura de Castilho (1°. Suplente)

Maria do Carmo Martins Sobral (2°. Suplente)

Dedico este trabalho à memória de meus pais, Anésio de Arruda Bandeira e Janira Ramos Bandeira em homenagem ao amor que sempre tiveram pelo povoado de Borracha.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Deus do meu coração pela inspiração recebida.

Agradeço o apoio incondicional que sempre recebi dos meus pais, Anésio de Arruda Bandeira e Janira Ramos Bandeira, para a minha formação acadêmica, tão difícil na região de Borracha, nas décadas de 1960 e 1970.

Agradeço aos meus queridos filhos Móriael e Mérlim pela compreensão e paciência com uma mãe totalmente dividida em mãe, esposa, aluna, professora.

Ao meu marido Jaaziel Campos, agradeço o apoio e incentivo.

Aos meus irmãos e minha cunhada Glaucimere, preciso manifestar toda a minha gratidão pelas importantes informações fornecidas que foram indispensáveis para a concretização desse trabalho.

A minha irmã Erotides Bandeira, agradeço pelo apoio e ajuda nos trabalhos de impressão.

Agradeço a toda a comunidade de Borracha, pelo carinho, respeito e atenção com que me recebem durante dois anos de trabalhos com pesquisas na região.

Agradecimentos especiais dirijo à minha orientadora Professora Marlene Maria da Silva, pela dedicação e profissionalismo durante todo o trabalho.

Ao professor Cláudio Castilho e ao professor Alcindo pelas críticas apresentadas quando da defesa do projeto e pela indicação de leituras durante o curso.

A Geógrafa Maria Jaci Câmara de Albuquerque agradeço as orientações recebidas, em relação aos aspectos normativos.

A Secretária Rosa Cristina Marques, e ao funcionário Edvaldo Accioly do curso de pós- graduação em geografia, meus agradecimentos pela atenção que sempre nos deram durante o curso e pela agilização dos trâmites legais da defesa.

A todos aqueles que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o bom encaminhamento do curso e para que este estudo pudesse se concretizar registro minha gratidão.

SUMÁRIO

Resumo.....9

Abstract.....10

Introdução.....11

Capítulo 1 - Localização e caracterização da área.....13

Capítulo 2 - A estrutura social e econômica do povoado de Borracha. Análise de seu crescimento.

2.1 - A Estrutura e a Dinâmica Sócioespacial do Povoado.....18

2.2 - A Origem do Povoado: de “Morcego a Borracha”.....30

Capítulo 3 - A produção de banana e seu papel no crescimento de Borracha.....36

Capítulo 4 - Fatores internos e externos da expansão demográfica e espacial do povoado de Borracha 51

Conclusão.....55

Referências.....57

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O processo de crescimento do povoado de Borracha, em Vicência- PE

MESTRANDA: Edilza Bandeira de Arruda Campos

RESUMO

O trabalho tem como objeto de estudo a dinâmica sócio-espacial do povoado de Borracha, em Vicência-PE, vinculado a uma realidade agrícola que definiu sua organização social ao longo dos últimos anos. A escolha do tema foi motivada pela inexistência de estudos atuais que expliquem o crescimento do povoado em ritmo bem superior à dos aglomerados rurais e dos núcleos urbanos vizinhos, de modo a contribuir, a exemplo dos que escreveram a geografia da área, para que a comunidade conheça melhor seu espaço de vida e trabalho. Com essa preocupação, o estudo aborda a origem do povoado, as causas de seu crescimento e da atual organização sócio-espacial. A pesquisa tomou como base dados estatísticos e carta do IBGE, informações extraídas das cartas topográficas da SUDENE na escala 1:25 000, documentos da Prefeitura Municipal de Vicência, registros fotográficos e informações de campo, obtidos através de pesquisa na área. A análise desse conjunto de informações mostrou existir uma estreita relação entre a dinâmica do povoado de Borracha e a da principal atividade agrícola da área em que o mesmo se situa – a cultura da banana –, o que justifica a adoção, no estudo, de um recorte espacial envolvendo a área do povoado e seu entorno. Refletindo essa relação, a sociedade de Borracha está estruturada em três categorias sociais, a saber: a de nível social mais alto representada pelos grandes proprietários de bananais que possuem acima de 50 hectares de terra e que geralmente desempenham as funções de comerciantes, ou são também políticos e ocupam, em sua maioria, a área central do povoado; a de nível social intermediário representada pelos médios proprietários de bananais (sítios de 20 a 50 hectares), representada pelos pequenos proprietários de lojas e mercearias e por uma parcela de funcionários públicos municipais que ocupam a porção norte do povoado; e a de nível social baixo, constituída pelos pequenos proprietários de bananais (sítios de 1 a 20 hectares) e pelos trabalhadores rurais que ocupam as áreas ao sul e a periferia leste do povoado.

PALAVRAS-CHAVE: Aglomerado rural; produção agrícola; dinâmica sócio-espacial.

TITLE OF THE DISSERTATION: The growth process of Borracha Village, in Vicencia, PE.

POST GRADUATE: Edilza Bandeira de Arruda Campos

ABSTRACT

The subject matter of this paper aims the study of the socio-spatial dynamics in Borracha Village, located in Vicência, state of Pernambuco, which relates to a rural reality that came to a definition of its social organization in the past few years. The choice of the theme was motivated by the non existing of up to date studies to explain the growth of the town at a rate much superior to the neighbor rural areas and urban ones. This goes in order to contribute to the community, just like did those who wrote about the geography of the area, with a way to know better their space of living and work. With this purpose in mind, the study views de origin of the town, the causes of its growth and the prevailing socio-spatial organization. The study is based on IBGE statistics, informations took from SUDENE topography charts on the scale 1:25 000, documents from Vicencia Town Hall, photo registries and field information gathered through research in the area. The analysis of these informations revealed a strict relation between the dynamic of Borracha Village and the main agricultural activity in the area where the town is located – banana crop – , which justifies the approach on the spatial issue regarding the village and its surrounds. Just as a reflection of this relation, the society in Borracha is structured in three categories: the higher social level, represented by the owners of the major banana farms which stand above 50 hectares, who normally are dealers, some are also politicians, and in general they are sited in the central area of the town; next, there is the intermediate social level represented by the owners of the medium range banana crops (properties of 20 to 50 hectares), usually the owners of small shops and groceries or even some Town Hall employees, who are located at the north side of the village; then there is the low social level which constitutes the small banana crop properties owners (areas ranging from 1 to 20 hectares) and the farm workers, establishing in the areas on south and the town east periphery.

KEYWORDS: Rural agglomeration; agricultural production; socio-spatial dynamics

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto a análise dos fatores que explicam o crescimento do povoado de Borracha, em Vicência –PE. Sua realização justifica-se pela inexistência de estudos atuais sobre a dinâmica de um povoado que vem se destacando na paisagem local.

O tema que nos propusemos a abordar surgiu da preocupação com a carência de estudos atuais sobre a realidade do povoado de Borracha, que expliquem o seu desenvolvimento e o seu destaque em relação à média dos povoados vizinhos e que também possam contribuir para que a comunidade escolar conheça melhor seu espaço de vida e trabalho.

Buscamos entender a dinâmica econômica e espacial do povoado de Borracha, vinculada a uma realidade agrícola que definiu a sua organização social ao longo dos últimos anos.

O povoado situa-se no centro de uma área onde a presença da monocultura da banana confere à paisagem um aspecto bem definido e distinto de outras áreas do Município de Vicência, onde a banana passa a dividir espaço com cana-de–açúcar e pastagens, a exemplo do entorno da vizinha vila de Murupé, e também dos povoados de Angélica e Trigueiro, cujas áreas destinadas a banana são menores que em Borracha.

O objeto do presente estudo, o povoado de Borracha, abriga uma sociedade estruturada segundo padrões tradicionais que refletem um modo de vida agrário, baseado na cultura da banana, convivendo, porém, com alguns elementos urbanos modernos visíveis no espaço como a introdução de cercas elétricas e câmeras de vídeo, instaladas nos portões de entrada de algumas residências.

No estudo, foram utilizados dados primários e dados secundários. Os dados primários foram obtidos através de entrevistas, na área, com várias categorias de produtores de banana, comerciantes e moradores em geral, como também através de

registros fotográficos. Os dados secundários foram obtidos nas estatísticas do IBGE, bem como em cartas topográficas da SUDENE na escala de 1:25 000 e em documentos da Prefeitura Municipal de Vicência.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro trata da caracterização da área. O segundo capítulo dedica-se ao estudo da estrutura social e econômica do povoado de Borracha. O terceiro capítulo analisa a produção de banana na região, que praticamente domina a paisagem da região onde está inserido o povoado de Borracha.

Analisa também os investimentos alternativos que têm surgido na presente década no entorno do povoado que, de certa forma, vem dinamizando de forma lenta, porém contínua a economia da região, através de atividades a exemplo da suinocultura e da apicultura, associadas ao processo de crescimento do povoado.

O quarto e último capítulo analisa as mudanças na organização espacial do povoado, uma vez que têm-se tornado intensos os movimentos migratórios de população dos sítios para o povoado, com o conseqüente processo de valorização do espaço.

CAPÍTULO 1

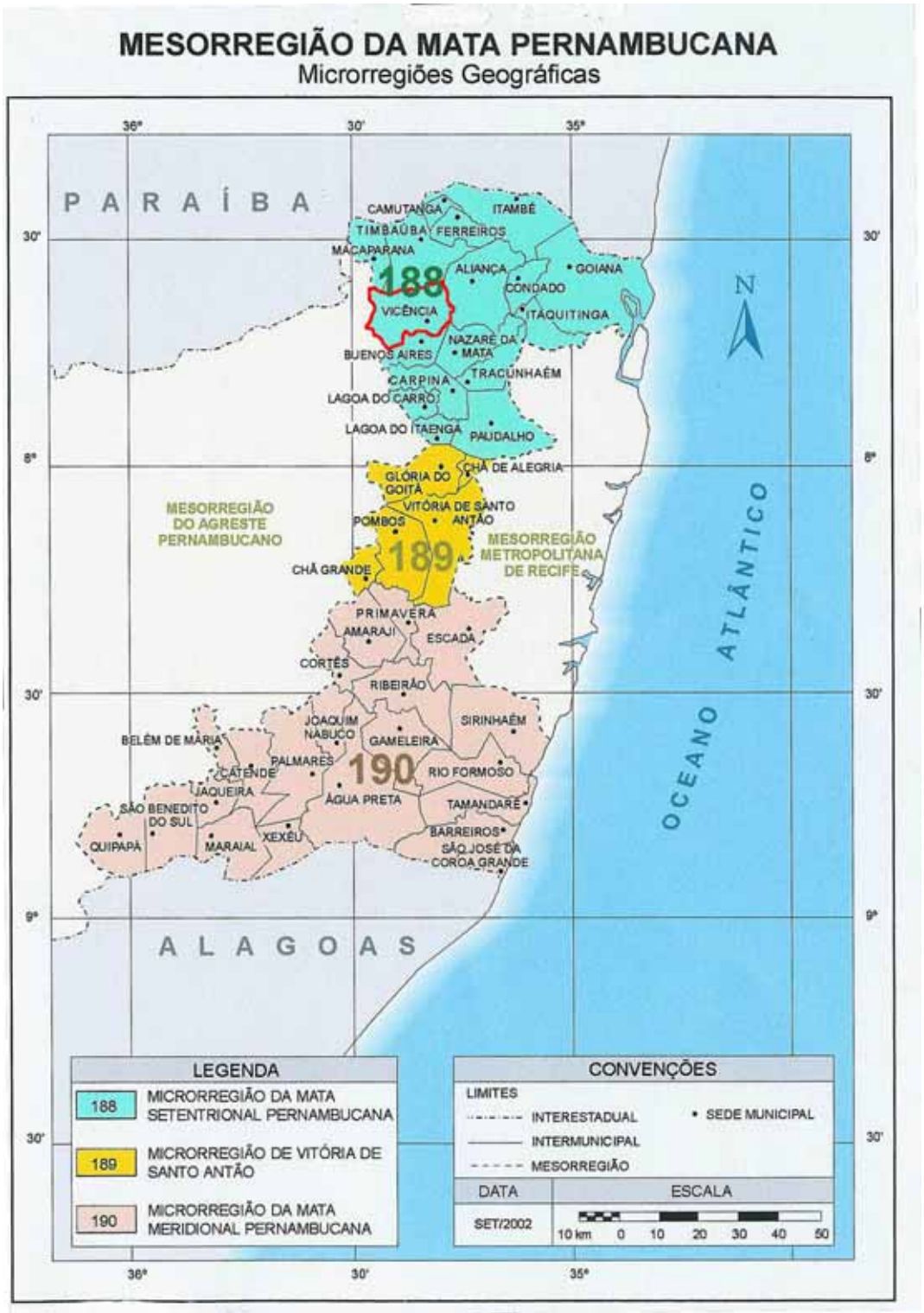
LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O povoado de Borracha pertence ao Município de Vicência que integra a microrregião da Mata Setentrional Pernambucana. (Figura 01). Borracha é um pequeno povoado situado entre morros sinuosos, quase que perdido no meio de uma extensa área agrícola, na qual ocorre o predomínio quase absoluto do cultivo da banana. Este povoado localiza-se a sudoeste da cidade de Vicência, da qual dista, aproximadamente, 17 km. Apresenta uma latitude de 7^{o}42'58"s e longitude de 35^{o}25'06" W GR.

O acesso ao povoado se dá 1 km após a Usina Laranjeiras, no sentido Vicência-Siriji, saindo da PE-063 e entrando à esquerda, em uma estrada de barro que, inclusive, é a mesma que dá acesso ao engenho Poço Comprido, logo depois de atravessar a várzea onde se localiza o engenho Rivira. A partir desse ponto, o percurso torna-se bastante íngreme e se dá através de uma vertente denominada popularmente "Ladeira do Piriquito". No alto da elevação, encontram-se os primeiros cultivos de banana, a uma distância média de 6 km do povoado, logo depois interrompidos pelo cultivo da secular cana-de-açúcar, introduzido recentemente por um proprietário de banana de Borracha que é também proprietário de um dos supermercados do povoado. Aproximadamente, a uma distancia de 5 km do povoado, a banana predomina de vez na paisagem.

Em relação à hidrografia da região, o povoado de Borracha, é banhado por pequenos riachos, afluentes do rio Morojó, afluente do Tracunhaém, um dos formadores do rio Goiana. As porções centro e norte do Município são banhados pelo rio Siriji, que é um dos afluentes do rio Capibaribe Mirim, outro formador do rio Goiana.

Figura 1



Fonte: ANDRADE, M. C. et al. Atlas Escolar de Pernambuco, 2003.

> Apenas duas cidades existem no vale do Siriji, Vicência e Aliança, embora as terras drenadas por esse rio e seus afluentes se estendem também aos municípios de Nazaré da Mata, São Vicente Férrer e Goiana. Aliança tem 50% de sua área no vale, enquanto o município de Vicência está contido, quase todo nele, a exceção, apenas, da povoação de Borracha e dos engenhos Montevidéu, Paróes, Beleza e São José, onde as águas demandam o Tracunhaém, através do rio Orobó.

O rio Tracunhaém e o Capibaribe Mirim, drenam a microrregião da Mata Setentrional de Pernambuco.

Em relação à topografia, à medida que se afasta da Serra do Mascarenhas (com cotas de 600m de altitude) em direção ao sul, a topografia vai-se apresentando menos acidentada, em torno de todo o seu anel, com cotas de 400m de altitude, que vão-se tornando cada vez menores, atingindo cotas de 200m nas imediações de Vicência, Murupé e Siriji, acompanhando a várzea do rio Siriji. Vale, aqui, ressaltar que essa topografia suave ondulada favoreceu a expansão da cana-de-açúcar, ao longo do tempo.

À medida que se distancia da várzea do Siriji, o relevo volta a se elevar, porém agora com ocorrência de topos planos, formando algumas chãs que se apresentam no entorno do povoado, onde as altitudes voltam a atingir cotas de 400m. No geral, a declividade mais acentuada provoca uma maior dissecação do relevo resultando em vales mais estreitos, com várzeas menos amplas. Borracha apresenta um sítio parcialmente colinoso, com uma chã relativamente larga se comparada a outras chãs da região.

Essa topografia se estende por outros municípios caracterizando o sítio colinoso de outras sedes municipais, a exemplo de Orobó a sudoeste e Machados a noroeste, apoiadas em um conjunto de colinas que vão-se elevando, cada vez mais, em direção a São Vicente Férrer até o sopé a serra do Pirauá (com cotas entre 400 e 600 m). Segundo Jatobá (2003, p. 29),

> As colinas da zona da Mata surgem dominantemente em terrenos cristalinos da porção oriental de Pernambuco. Foram eleborados por processos de erosão fluvial desencadeados sob condições climáticas úmidas. Os topos dessas colinas podem ser planos ou ligeiramente ondulados, o perfil das vertentes é marcadamente convexo.

A existência de chãs largas vem favorecendo o crescimento territorial do povoado e contribuindo para o surgimento de aglomerados rurais em seu entorno, a exemplo de um bairro rural localizado na rodovia que dá acesso a Vicência, cuja população utiliza os serviços no povoado. Este bairro rural é popularmente chamado de vila.

Quanto aos aspectos geológicos, predominam na área terrenos cristalinos, formados por granitos, gnaisses e xistos, como também por uma formação argilosa. Ainda, segundo Jatobá (2003, p. 21):

> A maior parte do Estado de Pernambuco é ocupada por rochas cristalinas e metamórficas do embasamento pré-cambriano: gnaisses, migmatitos, granitos, quartzitos, sienitos, calcários cristalinos[...] bastante falhados e dobrados, que revelam um passado geológico conturbado.

A região está submetida a um clima tropical, quente e úmido do tipo As', de acordo com a classificação climática de Köppen, com chuvas torrenciais de outono-inverno. As precipitações pluviométricas médias anuais são superiores a 1.000 mm, caracterizando-se por um regime de chuvas de distribuição irregular, com um período seco (primavera-verão) e outro chuvoso (outono-inverno), com máximas em maio e junho.

Apresenta temperaturas médias mensais elevadas, sempre superiores a 20^{o} C, nos meses menos quentes (junho e julho), alcançando as mais elevadas médias (26^{o}C), nos meses de novembro, dezembro e janeiro. A média anual é de 24^{o} C.

A formação vegetal típica da região é a floresta subcaducifólia típica da Mata Seca ou da Mata Setentrional Pernambucana, que está associada ao clima As'. Apresenta árvores de grande porte a exemplo do jatobá, pau d'arco amarelo, peroba, entre outras, típicas da mata tropical.

Atualmente essa formação vegetal encontra-se bastante degradada, e se restringe apenas a alguns trechos de serras, a exemplo das serras do Jundiá, da Traíra e do Mascarenhas (SUDENE/DSG , 1974).

Segundo o Censo Agropecuário de 1995-96, as culturas mais importantes do Município de Vicência, a cana-de-açúcar e a banana, ocupam 11.392 hectares, do

total de 16.271 hectares das áreas plantadas. Desse total, a banana ocupa uma área de 3.391 hectares, o que corresponde a 20,8% das terras cultivadas, enquanto a cana-de-açúcar ocupa 8.000 hectares dessas terras ou o equivalente a 49,2%. O restante da área cultivada corresponde a outras culturas (18,3%), pastagens naturais (8,0%) e matas (3,7%).

No conjunto do Município, as atividades de pecuária ocupam as áreas ao norte, no sopé das serras, do Jundiá e da Traíra, como também, ao sul, as terras dos engenhos Água Doce, Jucá e Rivira, intercaladas com algumas áreas de policultura. A leste e a oeste ocorre o predomínio da cana-de-açúcar, em algumas áreas associada com a banana, a exemplo do entorno da vila de Murupé. Ao sul e ao sudoeste em direção ao povoado de Borracha, onde a topografia se apresenta mais movimentada, ocorre o predomínio da banana.

Há, atualmente, no Município de Vicência uma pequena diversificação da atividade canavieira através da prática de avicultura de corte, em integração com a industria da Mauricéia (abatedouro localizado no município de Nazaré da Mata).

A partir da década de 1990, vem ocorrendo no Município uma expansão da policultura, através da implantação, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), de quatro assentamentos rurais: O Campina Verde, o Barrinha-Firmativo e o Morojosinho.

Mais recentemente vem ganhando espaço em Vicência a exploração do turismo rural, através da valorização dos engenhos da região, principalmente com a recuperação do engenho Poço Comprido e com a construção da pista de asa delta, na serra do Jundiá.

O Município de Vicência é cortado no sentido E-W pela rodovia PE - 063, que liga a sede com a BR – 408 (a leste) e, através desta, com as cidades de Nazaré da Mata, Aliança e Timbaúba. A oeste, a rodovia PE–063 faz ligação da cidade de Vicência com a Usina Laranjeiras e após esse trecho, através da PE-074, liga essa sede municipal com a vila de Murupé e Sirigi (no Município de São Vicente Férrer) e com a cidade de Machados.

CAPÍTULO 2

A ESTRUTURA SOCIAL E ECÕNOMICA DO POVOADO DE BORRACHA. ANÁLISE DE SEU CRESCIMENTO

2.1 A Estrutura e a Dinâmica Sócioespacial do Povoado

Para compreensão da estrutura social e da economia do povoado de Borracha, torna-se necessário levar em conta a base agrícola da área - o cultivo de banana – pois, há algumas décadas, Borracha vem-se tornando centro de um dos pólos de produção de banana do Estado, produto que vem dinamizando a economia local e estimulando o crescimento desse núcleo populacional.

A sociedade de Borracha está estruturada em três categorias sociais, a saber; a classe de renda mais alta, representada pelos grandes proprietários de bananais (possuem mais de 50 hectares de terra); a de renda média representada pelos médios proprietários de bananais (possuem de 20 a 50 hectares de terra), pelos pequenos proprietários de lojas e mercearias e por uma parcela de funcionários públicos municipais. Estes, em sua maioria, geralmente possuem automóvel e residência confortável. A classe pobre é constituída pelos pequenos proprietários rurais (possuem de 1 a 20 hectares de terras), cuja terra não é suficiente para a sua sobrevivência e da família. Eles precisam trabalhar também na terra de outros proprietários, para complementarem sua renda. Podemos incluir também nessa categoria os trabalhadores rurais que não possuem terra, levam uma vida humilde, residem em casas simples dispondo de um mínimo de conforto.

Os grandes e médios produtores de banana se capitalizaram através da produção e comercialização do produto in natura fato que se reflete na estrutura sócio-espacial do povoado. Podemos perceber essa diferenciação social no povoado

a partir das características das residências que passaram por reformas e melhorias. Geralmente são construções amplas e algumas possuem dois pavimentos.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 1-Residência de um dos grandes produtores de bananas de Borracha, atual prefeito do Município de Vicência.

Na porção sul do povoado, após o mercado público, em direção às terras dos engenhos Montevidéu e Paroes, as residências se apresentam humildes e antigas, são de alvenaria e, em sua maioria, possuem apenas dois cômodos, contrastando com residências novas e mais modernas da porção norte do povoado, que apresentam fachadas em cerâmica e grades. Estas são habitadas, em sua quase totalidade, por pessoas que retornaram de São Paulo e que são proprietárias de pequenos negócios.

A porção sul do povoado guarda registros históricos da formação do povoado, (Que, provavelmente, teve início em meados do século XVIII), na

arquitetura das residências que em sua maioria, continuam a mesma do passado, quando foram construídas.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 02 - Porção sul do povoado de Borracha

Segundo Santos (1986, p. 138):

> O espaço portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço contruido, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

A procura de terras e habitações no povoado aumentou consideravelmente com a chegada de moradores dos sítios e com o processo de retorno das pessoas que haviam migrado para São Paulo, em décadas passadas. Essas pessoas geralmente

ocupam as porções norte e leste do povoado cujas ruas, paralelas à rua principal, foram surgindo a partir da chegada desses migrantes e continuam em processo de expansão. Nessa parte do povoado moram, geralmente, trabalhadores rurais, e pequenos proprietários de sítios de banana. Segundo Corrêa (1995, p.15):

> A demanda de terras e habitações depende do aparecimento de novas camadas sociais, oriundas em parte de fluxos migratórios e que detêm nível de renda que as torna capacitadas a participar do mercado de terras e habitações. Depende também das possibilidades de remuneração do capital investido em terras e operações imobiliárias e através da ideologia da casa própria, conforme mostra, entre outros, Durand-Lasserve.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 03-Trecho da rua Doutor Flavio Pessoa, na porção norte do povoado de Borracha.

Com o crescimento de Borracha, surge uma nova camada da população formada por migrantes que vêm adquirindo lotes de terras e passaram a residir no povoado. Para atender essa demanda, alguns proprietários que possuem terra no

entorno do povoado têm loteado parte dessas terras que, assim, vão perdendo a função agrícola para abrigar apenas a função residencial, integrando-se, desse modo, ao processo de urbanização do núcleo em apreço.

Ainda segundo Corrêa (1995, p. 20),

> Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso que seja o mais remunerado possível, especialmente uso comercial ou residencial de status. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isto significa que estão fundamentalmente interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso.

Atualmente as terras que estão sendo loteadas restringem-se à margem da rodovia principal que dá acesso à Borracha pelo norte (sentido Borracha-Vicência), provocando o recuo dos bananais para as encostas dos vales. A mudança no uso dessas áreas (de agrícola para urbana) não acarreta prejuízo para o proprietário, uma vez que a terra urbana é mais valorizada.

O centro do povoado estende-se do mercado público, que se localiza na rua são Sebastião, até a escola Maria de Lurdes, na rua Djalma Dutra (Figura 01). Nesse setor residem os mais tradicionais e antigos moradores. As residências, ali, existentes apresentam arquitetura mais moderna, devido a reforma em suas estruturas, com fachadas em cerâmicas e grades. Em alguns casos, houve a demolição total da residência antiga, que foi substituída por construção moderna, do lado esquerdo da rua São Sebastião (no sentido N-S), o contraste entre o novo prédio, do supermercado e antiga residência, situada no seu lado direito que pertenceu a um dos primeiros comerciantes do povoado, o Sr. Fenelon Bandeira de Melo.

À esquerda do supermercado, uma outra residência antiga já foi totalmente demolida, cedendo espaço para uma construção moderna, de dois pavimentos, que abriga, no térreo, um depósito do supermercado e, no pavimento superior, uma residência. Nesse local, situava-se o antigo cemitério do povoado, que funcionou até a década de 1940. É o surgimento de novas formas para abrigarem novas funções (Santos,1981). Para entendermos a persistência das formas espaciais, renascidas

pelas estruturas sociais anteriores, as *rugosidades,* nos reportamos a Milton Santos (1986, p.138):

> As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico, que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados.

Do início de sua formação (em meados do século XVIII) a 1911, o povoado se restringia as imediações do mercado público. A partir desse núcleo, o aglomerado se estendeu um pouco mais e, em 1925, foi erguida a Igreja matriz do povoado sob a invocação de São Sebastião, com recursos advindos das primeiras famílias ali residentes (os Viana, os Bento, os Carro, os Bezerra e os Bandeira de Melo), tendo início o lento processo de expansão do núcleo original.

Nessa fase, surge um pequeno entrave para a expansão do povoado: a existência do cemitério localizado próximo à Igreja, o qual além de dar um aspecto pouco agradável ao povoado, provocava “medo” na população. Ante a pressão dos moradores de Borracha, teve início na década de 40, a construção do novo cemitério, ao norte do povoado, em local afastado do centro da aglomeração.

.

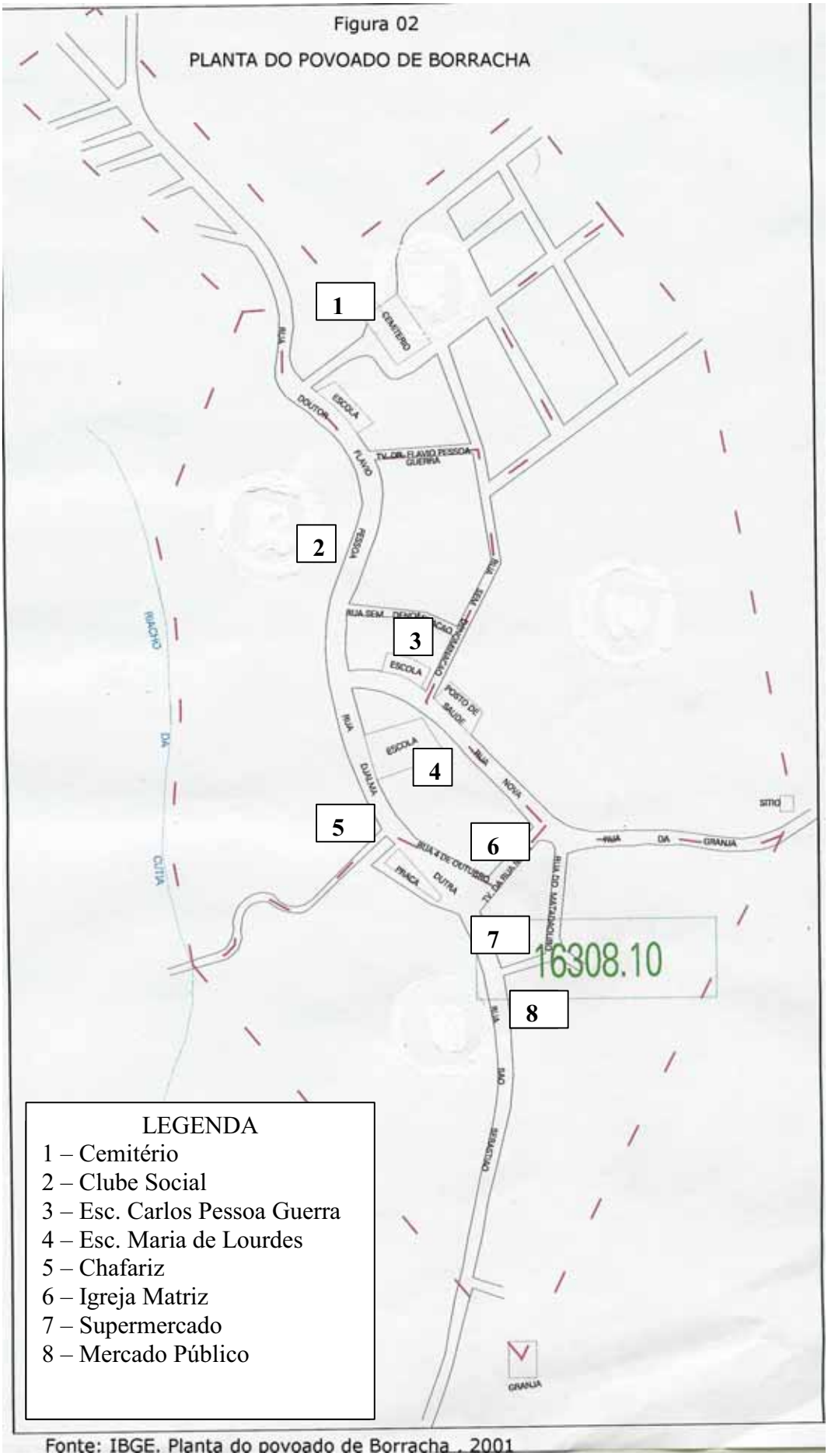
Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 04 - Novo supermercado no centro de Borracha.

Vale ressaltar que o novo cemitério, no passado bastante distante do povoado, atualmente está cercado por novas residências e por uma nova Igreja, maior que a anterior, que foi construída devido ao aumento no número de fiéis.

Figura 02

PLANTA DO POVOADO DE BORRACHA



LEGENDA
1 – Cemitério
2 – Clube Social
3 – Esc. Carlos Pessoa Guerra
4 – Esc. Maria de Lourdes
5 – Chafariz
6 – Igreja Matriz
7 – Supermercado
8 – Mercado Público

Fonte: IBGE. Planta do povoado de Borracha , 2001

No passado, a maior parte das terras da área pertencia ao Engenho Montevidéu. Porém, a partir de 1925, ocorre o loteamento da área que se estende do chafariz, no sentido S-N até onde se localiza atualmente o clube social "Montevidéu União Clube" (Figura 01), construído no início da década de 1980. A área para construção desse clube foi doada pelo Sr. Oscar Farias, proprietário do Engenho Montevidéu, segundo depoimento do Sr. José Alves que reside em Borracha há 40 anos.

O clube foi construído em uma área isolada, uma vez que o crescimento do povoado havia se prolongado até meados da década de 1970 apenas até o Grupo Municipal Carlos Pessoa Guerra e apresentava, nesse trecho, a Escola Mínima Montevidéu (atual Escola Maria de Lourdes), o posto de saúde e o escritório da antiga TELPE (Empresa de Telecomunicações de Pernambuco).

As transformações econômicas e sociais que ocorrem ao longo das décadas de 1960 e 1970 e continuam até a atualidade, refletem-se no crescimento do povoado que foi, cada vez mais, se expandindo, através de novos loteamentos, como também através de doações de lotes de terras por parte do proprietário do Engenho Montevidéu.

No lado direito da rua doutor Flavio Pessoa (Figura 01), no sentido N-S (Vicência-Borracha) até as imediações do clube social, as terras pertenciam ao Sr. José Correia de Amorim, "Zé Biô", que permitiu a construção de casas em troca do pagamento anual do "chão" que, em alguns casos, ainda é realizado atualmente.

Para analisarmos o papel ativo do espaço na evolução da sociedade, repetimos Paul Vieille, citado por Santos (1986, p. 149):

> Quando se consideram os processos econômicos e sociais, o espaço é, em realidade, uma dimensão dos mecanismos de transformação, da prática dos grupos sociais, de suas relações; ele contribui a produzir, reproduzir, transformar os modos de produção. O espaço é, assim, uma dimensão ativa no devir das sociedades.

É interessante observar que este período de expansão está associado ao primeiro e segundo "boom bananeiro". O primeiro ocorreu com a derrocada do café

na década de 60 do século passado, o que abriu espaço para a banana. O segundo ocorreu com o declínio do PROÁLCOOL, nos fins da década de 1980, coincidindo com a crise do setor sucroalcooleiro. Esse processo propiciou o aumento do cultivo de banana, o que mostra que o processo de crescimento do povoado, além de sua coexistência com processos novos, está também intimamente relacionado a processos antigos. O crescimento atual do povoado vem ocorrendo de forma intensa nas cercanias do cemitério. No lado esquerdo da rua doutor Flavio Pessoa, no sentido N-S todas as terras pertenciam ao engenho Montevidéu. Segundo informações do Sr. João Luiz da Silva (João Paixão):

> Eu era morador do engenho Espada e vim para Borracha há 21 anos, para melhorar a educação dos meus filhos, juntei o dinheiro da venda de alguns bichos e comprei seis terrenos aqui. Depois vendi dois e investi na compra de alguns hectares de terras, onde cultivo bananas. Todo esse lado esquerdo pertencia ao engenho montevidéu, depois o Sr. Zezinho Tinim comprou do Sr. Manoel Farias, filho do Sr. Oscar Farias do engenho Montevidéu a parte que vai do orelhão até em cima, fazendo limite com Seu João Coutinho.

Atualmente o povoado continua se expandindo, uma vez que o Sr Zezinho Tinim vem realizando loteamentos no trecho citado pelo Sr. João Paixão, do lado esquerdo da rodovia, que liga Borracha /a Vicência, pelo lado do norte. A periferia a leste do povoado vem sendo intensamente ocupada, uma vez que também desse lado foram realizados loteamentos e doações de lotes à população pobre que, em sua maioria, apresenta um baixo nível de escolaridade.

É visível o crescimento do povoado que, no ano 2000, possuía 1937 habitantes e vem apresentando um aumento cada vez maior no número de estabelecimentos como supermercados, lojas, padarias etc. Entre outros estabelecimentos comerciais de maior porte, Borracha conta com um supermercado de grande porte, localizado na porção central do povoado (Figura 02) pertencente a um grande proprietário de bananais. O referido supermercado oferece serviços de entrega, ou seja, um caminhão transporta os clientes, com as compras, até suas residências que, na maioria dos casos, localiza-se nos sítios, distantes do povoado.

Além de estabelecimentos comerciais no povoado, alguns dos grandes proprietários de bananais da área investiram em lojas nas Centrais de Abastecimento (CEASAS) de Recife e João Pessoa para onde levam sua produção. Estes investimentos surgiram a partir dos lucros obtidos com a produção e comércio de banana.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 05 – Loja de confecções, em Borracha.

O crescimento populacional do povoado, particularmente nas duas últimas décadas, advindo em grande parte das migrações, proporcionou um expressivo crescimento territorial e econômico do mesmo, uma vez que essa nova parcela da população passou a utilizar, cada vez mais, o comércio local, como supermercados, lojas, farmácias etc.

Acreditamos que, devido a esse aumento do mercado consumidor em Borracha, vem ocorrendo um processo de expansão dos estabelecimentos comerciais, a exemplo do novo supermercado, localizado na rua principal, em frente ao antigo estabelecimento, de porte menor.Vale ressaltar o fato de um povoado,

digamos de médio porte, possuir um supermercado de porte maior que a média de outros existentes no Município e até bastante moderno para a área. De acordo com depoimento do proprietário do supermercado, o Sr. José Fragoso de Amorim:

> Eu possuía uma terrinha e lá plantava, algodão, fumo e inhame. Em 1979 comprei mais 14 hectares de terra no antigo engenho Espada e comecei a plantar banana. Em 1985, comprei uma barraca aqui em Borracha onde negociava com bebidas. Depois comprei a loja do Sr. José Alexandre da Silva (Sr. Pipa) e fui formando o supermercado. Atualmente continuo plantando banana e possuo uma média de 140 hectares de terras.

A fala do proprietário do supermercado mostra que ele começou a plantar banana no período do segundo boom bananeiro, na década de 1980, acompanhando a tendência de expansão da cultura da banana na área, evidenciando também, a crescente associação entre a compra de novas terras e o plantio de banana, que, desde então, vem de certa forma se generalizando entre as diversas categorias de produtores.

Observa-se também que a modernidade começa a aparecer em Borracha de forma lenta e diferenciada. Ao mesmo tempo que apresenta elementos típicos de um modo de vida agrário, baseado na cultura da banana, o povoado convive com elementos urbanos modernos, visíveis no espaço, como a introdução de cercas elétricas e, até mesmo, de câmeras de vídeo instaladas nos portões de algumas residências (Foto 06). Segundo Clark (1982. p. 61),

> A expansão das grandes cidades e de suas crescentes áreas de influência iniciaram uma mudança, que passou de lugares e padrões de vida dominantemente rurais para predominantemente urbanos, afetando a maioria dos países, nos últimos anos. Atualmente não somente grande número de pessoas vive em cidades ou em suas adjacências imediatas, mas segmentos inteiros da população são completamente dominados pelas expectativas e estilos de vida urbanos.

Com a expansão das telecomunicações, principalmente da televisão, do celular e do computador, para alguns, a população de Borracha adquire, cada vez mais, costumes e estilos de vida da cidade que, na maioria das vezes, não correspondem à realidade de todos, provocando fragmentações no espaço urbano que se materializam nas diferentes camadas sociais, já mencionadas neste capítulo.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 06-Residência de um dos grandes produtores de banana de Borracha.

2.2. *A Origem do Povoado: de " Morcego" a " Borracha"*

A origem do povoado de Borracha remonta a 1850, às terras do Engenho Montevidéu, nas imediações da Casa Grande (Foto 07). Segundo depoimento do Sr. José Lucena da Mota Silveira (Zito Lucena): "Existia um povoado denominado (Morcego) que possuía uma certa importância local, visto possuir dois motores de descaroçar algodão, um entreposto de compras, uma escola primária, duas mercearias e várias casas de alvenaria".

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 07-Caminho que leva à casa grande do antigo engenho Montevidéu.

De acordo com Andrade (1995, v.9, p.9)

> O algodão continuou a florescer e nas cidades e vilas foram instaladas descaroçadores que separavam a semente da fibra e alimentavam tanto a indústria de fiação e tecelagem como a de óleos vegetais. Muitas povoações se formaram em torno dos vapores de algodão e sendo estes movidos à eletricidade, muitos descaroçadores de algodão forneceram energia também para a iluminação de cidades e povoações.

Atualmente não existe resquício dessa povoação, mas apenas a notícia na lembrança dos moradores de Borracha, transmitida pelos ancestrais. Segundo estes, ocorreu um paulatino e total deslocamento do povoado do local de origem para outro local, o que parece ter sido provocado pelas transformações políticas ocorridas no País com a instalação da República, em 1889 e o conseqüente processo de autonomia dos Estados. Senão vejamos:

O Engenho Montevidéu era propriedade do capitão Milo, partidário da Oligarquia Rosista que, ainda segundo depoimento do Sr. José Lucena, perseguia os moradores do engenho Paroes, de propriedade do coronel José Lucena, que era

Dantista. Portanto, era clara a rivalidade entre esses dois coronéis, refletindo a oposição, na região, entre os Rosistas e Dantistas, seguidores, respectivamente do Conselheiro Rosa e Silva e do general Dantas Barreto. Ainda, segundo Andrade (1995, p. 7),

> Nesse período pode-se destacar uma série de medidas administrativas que nortearam a política Pernambucana e permitiram a consolidação de uma oligarquia, chefiada pelo conselheiro Rosa e Silva, que controlaria o Estado de 1896 a 1911, por 15 anos, portanto.

De acordo com depoimentos de antigos moradores, o governador do Estado, Dr. Herculano Bandeira de Melo enviou seu primo legitimo, o também Sr. Herculano Bandeira de Melo para dar aulas na povoação do "Morcego", onde havia constantes brigas políticas, violência e mortes. Tornava-se necessário um trabalho de alfabetização e de educação da população local. De acordo com registros históricos o Sr. Herculano Bandeira que governou Pernambuco até 1911, foi o último dos quatro governadores rosistas de Pernambuco.

Nas eleições para governador do Estado, em 05 de Novembro de 1911, vence o General Dantas Barreto, ex-Ministro da Guerra do General e Presidente Hermes da Fonseca, marcando o fim do domínio Rosista e redefinindo a política do Estado de Pernambuco. Na região em estudo, esta vitória favoreceu a influência do Coronel Lucena, do engenho Paroes.

Segundo o Sr. José Lucena, neto do coronel Lucena e ainda proprietário de bananais, em Paroes,

> Segundo contava o meu pai, foi grande o regozijo dos pobres e humilhados. No engenho Paroes houve uma grande festa, todo o povo estava armado e esperando o pior, porém com a vitória pediram licença ao coronel Lucena para comemorar e vieram todos para o engenho Montevidéo e dispararam mais de duzentos tiros na casa grande do engenho. O tal Capitão Milo estava tomando banho em um poço, que ficava por trás de sua casa, e quando ouviu o tiroteio saiu correndo nu, montou numa besta, que estava amarrada no mato e saiu correndo como um louco até o engenho Viração, do seu compadre e tio. Ainda lembro que as paredes da casa grande eram cheias de marcas de bala. A partir daí, o pessoal da vila do Morcego começou se mudando para a confluência de três propriedades, mais acima e onde já existia algumas casas, que formaram o povoado de São Sebastião.

A política exercia influência direta nas feiras semanais do local, que não tinham lugar fixo para se realizarem. Variavam de acordo com as ordens dos dois coronéis, que representavam as forças opostas dos Rosistas e dos Dantistas. Portanto, as determinações em relação ao local de instalação da feira eram conflitantes. Os feirantes temiam e respeitavam os dois coronéis, mas precisavam obedecer aqueles que tivessem maior poder, na ocasião.

Quando as eleições estaduais favoreciam o partido do Capitão Milo, a feira acontecia na vila do "Morcego", localizada em sua propriedade. Porém, quando as eleições favoreciam o coronel Lucena, a feira se deslocava no sentido norte, para uma área onde já existiam algumas casas. Diante disto, os moradores da povoação que já se formava no entorno desta feira começaram a chamá-la de "feira de Borracha". "Era como se a feira esticasse, fosse de borracha", palavras de um antigo morador. O povoado que recebeu inicialmente a denominação de povoado de São Sebastião passou a denominar-se povoado de Borracha.

Ainda, de acordo com o Sr. José Lucena, a partir de 1911, ano que marca o fim do domínio Rosista com a vitória do general Dantas Barreto, as feiras semanais, naquela região estabeleceram-se, de vez, na atual área do povoado de Borracha que, mesmo pertencendo ao engenho Montevidéu, passou a ser supervisionada de forma mais intensa pelo coronel José Lucena.

Segundo depoimentos de antigos moradores, as feiras semanais que, no passado, aconteciam no povoado devem ter realmente surgido a partir da segunda metade do século XIX, numa época de forte poder dos coronéis. Segundo Andrade (1995, p.5)

> Na verdade, as modificações políticas que ocorriam davam sempre maior poder a oligarquia local que elegia o governador, ao mesmo tempo que o pressionava para lhe conceder favores e concessões. Os chefes políticos interioranos, os coronéis, tinham muito poder de pressionar as autoridades que eles haviam eleito e com quem conviviam, do que aqueles que viviam na antiga corte e que dificilmente se apresentavam na província. A República, assim, exacerbou o coronelismo.

Nos relatos de pessoas nascidas de 1910 a 1914, elas se reportam a seus pais e até avós, para explicarem o surgimento da feira e, conseqüentemente, a formação

do povoado de Borracha. Informa o Senhor Antonio Gomes, residente em Borracha e nascido em 1910:

> Eu morava em um sítio, aqui mesmo próximo a Borracha, e costumava acompanhar o meu pai, quando ele vinha fazer a feira. Eu tinha sete anos, era um menino, mas lembro bem que meu pai fazia feira no Sr. Fenelon Bandeira, onde comprávamos os secos e em João Bandeira onde comprávamos os molhados. Existia uma feira em frente ao estabelecimento do Sr Fenelon Bandeira , era uma "puxada" e lá se vendia alimentos, frutas etc.

Ainda de acordo com as informações do Sr. Antonio Gomes, naquela época os secos eram tecidos, aviamentos em geral e nos molhados enquadravam-se todas as categorias de alimentos.

Segundo o Sr. Gildo Bandeira, morador de Borracha e neto do Sr. Fenelon Bandeira :

> Contava meu pai, que as compras de tecidos, aviamentos e alimentos em geral eram feitas no Recife, no mercado de São José, para onde o meu avô e seus irmãos se dirigiam mensalmente. Os descendentes da família Bandeira, filhos do Sr. Herculano Bandeira, que fora o primeiro professor primário, na região, que eram o meu avô Fenelon Bandeira e mais seus três irmãos João Bandeira, Amarante Bandeira e José Bandeira, foram os primeiros comerciantes na região.

Apesar da importância que tiveram no passado, as feiras semanais, que contribuíram para a origem e o crescimento desse povoado, desapareceram por volta de 1980. Isto se explica, em parte, pela expansão da economia local, através da ampliação dos estabelecimentos comerciais. Os supermercados passaram a suprir as necessidades básicas da população, oferecendo serviços de entrega e prazos de pagamento, que fazem a diferença na hora de ir às compras. Ao mesmo tempo os hábitos de consumo da população do local sofreram mudanças e ir ao novo supermercado fazer compras passou a conferir um certo "status". Informa o Sr. João: "Faço compras no supermercado porque seu Zé Baixa me conhece e confia em mim. Também tudo o que eu preciso eu encontro aqui. Aqui tem de tudo e uma variedade muito grande de mercadoria".

Por outro lado, vale salientar o fato de uma parcela da população do povoado e de seu entorno, principalmente a parcela da população mais humilde, freqüentar as feiras de cidades como Machados e Vicência. Segundo a senhora Patrícia, moradora

de Sitio Novo e que freqüenta a feira de Machados, “Lá os preços são um pouco mais baixos e com a minha renda e do meu marido não dá para ficar comprando nos supermercados de Borracha. Também tenho medo de me endividar no caderno, prefiro pagar logo”.

Semanalmente uma média de dois caminhões e duas caminhonetes transportam pessoas para a feira de Machados, e, aos sábados, dois ônibus transportam pessoas para a feira de Vicência. Desse modo, as feiras das cidades próximas, substituíram a de Borracha no atendimento à população desse povoado, que apesar de contar com estabelecimentos comerciais de porte não deixou de sofrer influência de cidades maiores e mais próximas.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO DE BANANA E SEU PAPEL NO CRESCIMENTO DE BORRACHA

Cercado por pequenas e médias propriedades, o povoado de Borracha ocupa o centro da principal área produtora de banana do Município de Vicência, constituída pelas localidades denominadas: Canafístula, Iguape, Onça de Baixo, Mulata, Cumbe, Sítio Novo, Onça de Cima, Bom Viver, Prazeres, Viração, Montevidéu, Paroes, Sossego II, Panorama, Beleza, Retiro 3º.

A área plantada com banana vem-se expandindo na medida em que essa cultura vem substituindo as pequenas roças existentes no passado, nos sítios de pequenos proprietários.

Ao sul do povoado em terras dos antigos engenhos Montevidéu e Paroes, o predomínio dos bananais é quase absoluto. No engenho Paroes, o cultivo de banana divide espaço com a criação de ovinos. No restante da área que circunda o povoado, a presença de bananais é o traço característico da paisagem. A oeste de Borracha, o sitio da "Cutia" é um importante brejo bananeiro. Caio Maciel, em sua dissertação de mestrado, se refere, já na década passada, ao predomínio dos bananais na área de Borracha. Diz ele:

> Nesta progressão o espaço fica dividido entre pastagens e canaviais em grandes parcelas. Em certos trechos, porém, tal padrão não é tão claro. Isto se verifica em torno da localidade de Borracha, situada na Chã das Mulatas, onde a presença da pequena produção é expressiva. Além das grandes parcelas de bananais, a paisagem ai é recortada por um grande número de pequenas parcelas de roças com capoeiras em diversos estágios correspondentes a sítios de pequenos proprietários, assemelhando-se a certos trechos da área nuclear... Maciel (1992, p.133).

Os dados do IBGE, relativos à Produção Agrícola Municipal, mostram que, atualmente a produção de banana do Município de Vicência vem apresentando um

aumento considerável, passando de 4.200 cachos em 2000, para 39.000 em 2001 e 40.000 em 2002.

O processo de produção de banana nas grandes propriedades, difere em alguns aspectos, do praticado pelos médios e pequenos produtores com reflexos principalmente, na produtividade. Enquanto os grandes produtores possuem um rendimento médio que varia de 10 a 12 milheiros por hectare, uma vez que os bananais são regularmente adubados e pulverizados contra as pragas, os pequenos e médios produtores, em sua grande maioria, não utilizam essas práticas culturais e colhem, no máximo, seis milheiros por hectare.

A demanda por esse fruto nos centros urbanos constitui o principal estimulo ao aumento de produção na região, em Vicência (Borracha) e municípios vizinhos onde a produção de banana vem aumentando consideravelmente. Como a população local não possui hábito de consumo dessa fruta, apesar do estímulo dos educadores da região que vêm-se empenhando em informar alunos, produtores e a população em geral acerca dos nutrientes do produto. Ante o pequeno consumo local, a produção destina-se quase inteiramente aos mercados de fora da área, principalmente Recife, que compra, em média 40% da produção, seguida por João Pessoa, com 30%, seguindo os 30% restantes para outras cidades como, Limoeiro, Carpina e Caruaru, segundo informações coletadas na área, junto aos proprietários de bananais.

Cabe mencionar a ausência de estímulos por parte do poder publico, em relação a investimentos para o beneficiamento da banana no povoado, o que absorveria os frutos menores rejeitados pelo mercado urbano, gerando mais renda e novos empregos uma vez que são inúmeras as utilidades da banana na culinária.

Onde não é dominante, a banana convive, de forma pacífica, com a cana-de-açúcar, uma vez que os proprietários de bananais possuem áreas definidas para o cultivo dessa fruta, e quando são também proprietários de canaviais destinam a essa cultura áreas mais distantes do povoado de Borracha.

A falta de informações impediu de precisar o inicio do cultivo da banana no entorno do povoado de Borracha, pois existem poucos registros da trajetória

histórica dessa cultura na região. Segundo Andrade citado por Maciel (1993, p.30), "o cultivo da banana com fins comerciais, no vale do Siriji, data do início do século passado, embora ele afirme que a sua prática para fins domésticos seja muito antiga".

Através de depoimentos de moradores antigos na região, pudemos concluir que a cultura da banana em Borracha é muito antiga, tendo seu provável início juntamente com o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar e do café, seguindo a mesma trajetória das povoações do vale do Siriji, sendo, porém uma agricultura de foreiros e moradores, praticada em pequenos plantios, para consumo doméstico.

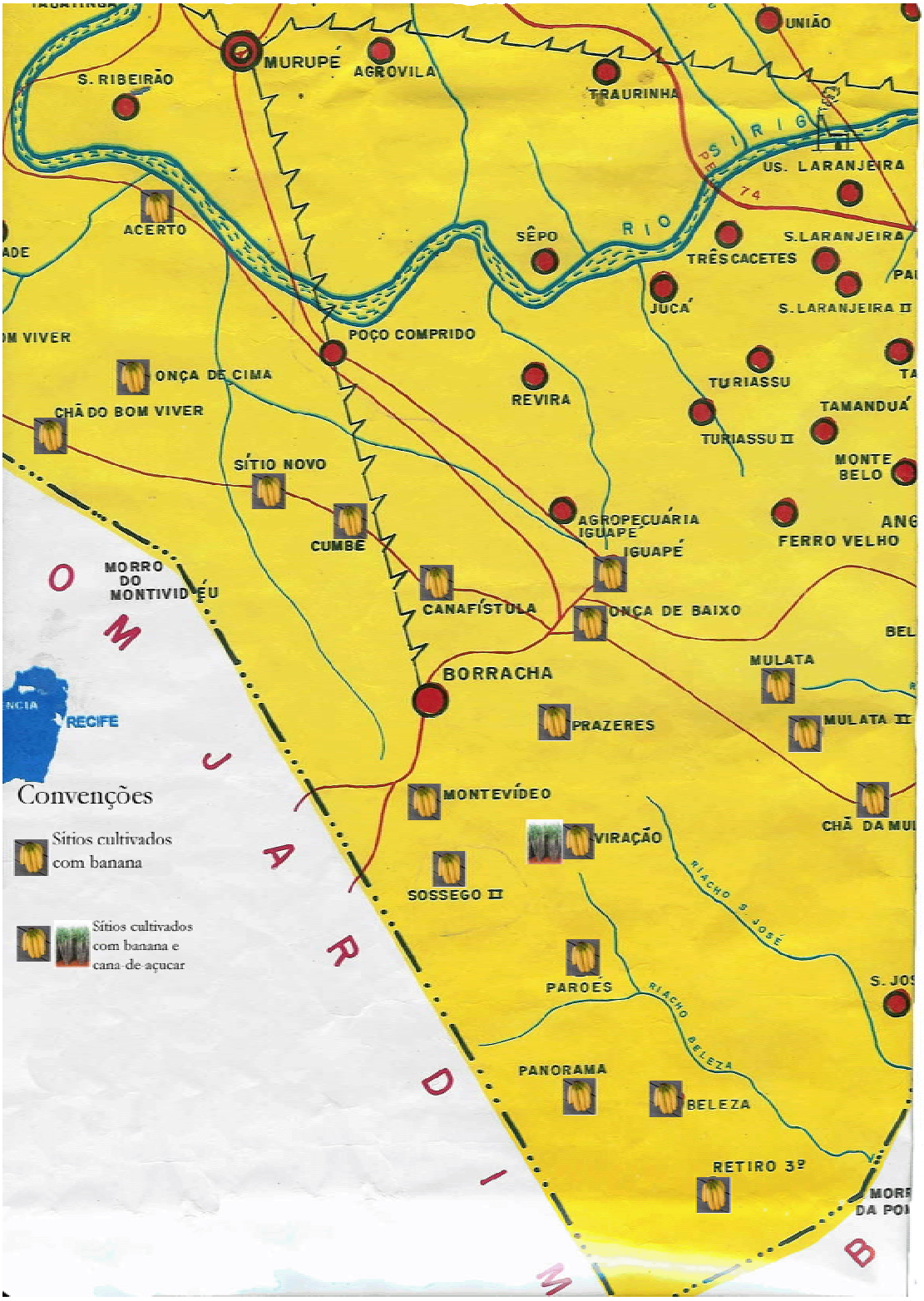
Em Borracha como nos declarou o Sr. José Lucena, em entrevista "O cultivo de banana era muito praticado por mulheres que ficavam viúvas, por isso a atividade era chamada *agricultura de viúva.* É que, uma vez plantada, a bananeira se desenvolvia e não precisava de tantos tratos, como hoje". Na década de 1930, já existia um insipiente comércio de banana na região do povoado de Borracha. Segundo o Sr. Rinaldo Bandeira, um dos proprietários da propriedade Sítio Novo:

> Naquela época, o Sr. José Henrique Barbosa levava a banana para Lagoa Comprida, distrito de Bom Jardim, no lombo dos burros, pois não existia automóvel, nem mesmo estradas e, de lá, ela embarcava de trem para Recife. Chegando lá, a banana era comercializada no mercado de São José.

Na região em estudo, os engenhos, a exemplo do Acerto, Montevidéu e Bom Viver, funcionaram até meados do século passado com a fabricação de melaço, caldo de cana e cachaça, que coexistiram com a lavoura do café. De acordo com Andrade (1995, v. 9, p. 9),

FIGURA 03

DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO ENTORNO DO POVOADO DE BORRACHA



Fonte: Prefeitura Municipal de Vicência, 2001.

> Neste início de república outros setores culturais também tiveram grande importância [...] Pernambuco no período em estudo teve um grande crescimento econômico e o açúcar e a aguardente tiveram o seu mercado em expansão tanto no exterior como no próprio País. As usinas de açúcar se multiplicaram, e as destilarias de álcool foram substituindo as velhas destilarias de aguardente, passando esta com o tempo, a ser produzida apenas pelos bangüês que sobreviveram até os meados do século XX.

Aos poucos, com o processo de falência dos engenhos e, em seguida à crise da cafeicultura, os cultivos de cana-de-açúcar e café foram sendo gradativamente substituídos pela pecuária de bovinos e pelo cultivo da banana. Alguns médios proprietários começaram a cultivar banana em meio aos cafezais, que eram do tipo "café de sombreiro" pois as folhas da bananeira faziam sombra para o café.

Até a década de 60, em muitas propriedades em torno do povoado a cultura da banana coexistiu com "café de sombreiro". Não houve a substituição da banana pelo café nesse período, mas uma convivência, com uma posterior expansão da banana, devido à falência do café e à política de crédito com a concessão de empréstimos feitos pelo governo, através do Banco do Brasil, a todas as categorias de produtores.

A banana era cultivada em escala reduzida, estando em sua totalidade ligada a pequena produção, uma vez que as grandes propriedades eram ocupadas com café, até o seu desaparecimento. A partir daí, se inicia um rápido processo de expansão dos bananais na região de Borracha que, obviamente, não aconteceu de forma isolada, mas acompanhando as áreas vizinhas, nos municípios de Machados, Buenos Aires e São Vicente Férrer.

A expansão dos bananais nesse período associa-se também ao processo de desvalorização da cana-de-açúcar, devido aos baixos preços do açúcar no mercado. A partir da década de 1970, o Governo Federal inicia uma política de empréstimos que facilitou a expansão dos bananais no Município de Vicência, o que beneficiou bastante os produtores em Borracha. Havia, uma quantidade muito grande de produtores de banana nesse povoado, diferentemente dos arredores da cidade de Vicência, onde a grande propriedade continuava fiel à cultura da cana-de-açúcar, convivendo com a banana em algumas áreas.

A existência das usinas Laranjeiras e Barra justificava a crescente necessidade de produção de sua matéria prima. De acordo com Grabois et al (1991, p. 48):

> A expansão dos bananais, além de se relacionar com a falência da economia cafeeira do brejo e com as dificuldades atuais de valorização da cana-de-açúcar, deve ser entendida num contexto mais amplo dado pela modernização do capitalismo a partir dos anos 70. Liga-se assim, a uma política de crédito com a concessão, pelo Banco do Brasil, com aval da EMATER, de financiamentos a juros baixos para todos os tipos de proprietários produtores de banana.

Assim como no Brejo de Natuba, estudado por aqueles autores, no povoado de Borracha aconteceu também uma expansão muito grande dos bananais, ocupando as terras de antigos cafezais, que contou também com o apoio da política de empréstimos, feita pelo Governo Federal.

Já nos engenhos, provavelmente devido a uma maior tradição e capitalização dos proprietários, a pecuária de bovinos teve um maior desenvolvimento. Atualmente, todos os antigos engenhos da região são cultivados com banana, a exemplo dos engenhos Bom Viver, Paroes, Montevidéu e Acerto, ocupando tanto as áreas dos fundos dos vales quanto as encostas.

Associados aos plantios de banana havia cultivos de subsistência como milho, feijão, fava, macaxeira e mandioca, tendo sido esta ultima muito comercializada na própria região e nas cidades vizinhas por volta dos anos de 1950 e 1960. Atualmente, serve como testemunho dessa última cultura a existência de ruínas de antigas casas de farinha.

Foi com o primeiro boom bananeiro, em 1969/70, que o Povoado entrou em uma fase de aceleração de seu processo de expansão, associado às mudanças muito nítidas na produção, verificadas através do aumento das áreas cultivadas com banana em todo o Município de Vicência (que passa de 590 hectares em 1960, para um total de 1881 hectares em 1970, segundo os dados dos Censos Agropecuários de 1960 e 1970 IBGE). Processo que pode ser associado à erradicação dos cafezais. Portanto, esse primeiro boom bananeiro coincidiu com o processo de falência do café.

Em entrevista com Sr. Rinaldo Bandeira, proprietário de Sítio Novo e ex-representante da CEASA (Central de Abastecimento Sociedade Anônima), em_ Borracha, ele nos conta que:

> Meu pai, Sr. Anésio Bandeira, começou a plantar banana em Sítio Novo no ano de 1936. As mudas foram obtidas de outro sítio da região do povoado, que já cultivava banana, pertencente ao Sr. Antonio de Souza (Pai). Até hoje continuo plantando banana nas terras herdadas de meu pai, assim também como meus dois outros irmãos. Com o tempo comprei mais duas terras onde também cultivo banana.

É visível na organização do espaço agrário de Borracha a importância da cultura da banana, ao longo do tempo, que pode ser atestada através da existência, no local, de um entreposto da CEASA, implantado pelo Governo do Estado, no início da década de 1980, estando relacionado ao segundo boom bananeiro que foi atrelado à crise do Próalcool, a partir de meados de 1980.

O Município de Vicência vivencia uma nova expansão dos bananais (passando de 1881 hectares de área cultivada em 1970 para um total de 2.200 hectares em 1989, segundo os dados do IBGE), quando Borracha apresentou um grande aumento de produção. Este aumento motivou a compra de um hectare de terra da propriedade Sítio Novo, pertencente ao Sr. Anésio Bandeira onde foram construídos um galpão e um escritório, para organizar e controlar a produção de banana na região. O local fica em uma chã, muito próxima do povoado de Borracha.

Esse entreposto, que começou a funcionar no inicio da década de 1980, contava com um sistema de comunicação com a CEASA de Recife através de rádio amador, por meio do qual eram transmitidas informações diárias sobre quantidade, destino e preço do produto. Desativado em 1987, o galpão e o escritório servem de moradia a uma família, descendentes de antigos moradores de Sítio Novo. O galpão também é utilizado para carregamento de caminhões de banana de um produtor e serve de garagem para as carrocerias de seus caminhões.

Apesar do fracasso desta iniciativa, a cultura da banana na região de Borracha não entrou em processo de declínio, mesmo apresentando queda de produtividade bastante acentuada entre os pequenos e médios produtores em virtude da constante incidência de pragas que vem afetando os bananais da região.

Ao longo das duas últimas décadas, a cultura da banana vem passando por um processo de expansão, com a ocupação de novas áreas, o que vem resultando em aumento de produção, incentivado por uma crescente e contínua abertura de mercados nos centros urbanos, antes incipiente e limitada às feiras livres. Conforme Andrade (1974, p. 46),

> A cultura de árvores frutíferas, bananeiras e laranjeiras, sobretudo, vem-se desenvolvendo em função do abastecimento do mercado urbano e da difusão do hábito de consumo de frutas, sobretudo entre as classes média e alta. A difusão da primeira se dá, sobretudo nas encostas mais chuvosas da Borborema, que devido à topografia não se prestam à cultura da cana e em áreas de brejo e serras frescas do sertão. Há um estímulo muito grande à expansão dessas culturas.

Atualmente, a maioria dos grandes proprietários de banana de Borracha possui pontos de venda na CEASA de Recife, para onde converge a maior parte da produção da região. Esta abertura de mercados provocou crescente aumento do cultivo de banana, uma vez que os grandes proprietários compram grandes quantidades da fruta, para o abastecimento de seus pontos de venda na CEASA de Recife e João Pessoa.

Essa expansão de mercado levou os pequenos e médios produtores a uma busca por melhoria na qualidade de seus frutos, porém a produção de banana vem sofrendo queda e perda de qualidade devido à existência do mal da *sigatoka amarela*, causada pelo fungo *pseudocercospora musae* que é a doença que mais causa prejuízos à bananeira no Brasil. Ela é conseqüência direta de fatores ambientais como a chuva, orvalho e temperatura.

Esse fungo provoca o enfraquecimento da bananeira e sua posterior doença. As folhas começam a apresentar marcas desbotadas que vão aumentando até formar listras amarelas, principalmente nas folhas mais novas. Com o tempo, essas manchas vão aumentando e se aglutinam, formando pontos escuros que se espalham, causando a "queima" da folha. Conseqüentemente, os frutos não se desenvolvem, tornando-se pouco atrativos ao mercado. Os pequenos e médios produtores vêm sofrendo com os altos custos do combate dessa praga e sua produção perde na concorrência com a produção das grandes propriedades, cujos frutos, se apresentam, em geral, grandes e bonitos.

Os grandes produtores de banana, (que possuem mais de 50 hectares de terra) atualmente realizam a pulverização aérea através de aviões que utilizam veneno com óleo mineral, para o controle da praga. Porém os pequenos e médios produtores (que possuem de 1 a 50 hectares e totalizam 87 produtores cadastrados), se vêm impossibilitados de arcarem com os altos custos da pulverização aérea, segundo informações do presidente da Associação dos Bananicultores de Borracha.

Um dos grandes proprietários de banana da região informou que, no ano de 2004, seus gastos com óleo mineral e veneno para as pulverizações atingiram um custo de R$ 100.000,00 (cem mil reais). Estes altos custos do combate às pragas, além de gastos com adubação e limpas, torna este investimento impraticável para o pequeno e o médio produtor.

Segundo depoimento de um médio produtor de banana e que é membro da Associação dos Bananicultores de Borracha

> O custo das pulverizações realizadas com aviões atinge o valor de R$ 152,00 por cada hectare cultivado com banana. Quando a pulverização é realizada com atomizadores costais, o custo gira em torno de R$ 72,00 para cada hectare cultivado com banana, incluindo aí o óleo mineral e o veneno. È muito caro para os pobres, diz ele.

Os pequenos e médios produtores continuam a cultivar banana, quase sempre sem fazer as pulverizações necessárias, ou o fazem em apenas algumas áreas, devido aos altos custos, ocorrendo, em conseqüência, queda de produção.

Na região, a banana é comercializada em milheiros, que apresentam queda de preço no período da primavera-verão, devido a uma maior oferta de produção, ocasionada pelas chuvas de outono/inverno. Este ano, em Borracha, no período seco, (à partir de setembro de 2004) o preço do milheiro atingiu o máximo de R$ 15,00.

A proprietária de um sitio de banana com cinco hectare, informa o seguinte em relação ao ano de 2004:: “Tirei neste corte 32 miheiros de banana e foi bem maior que o corte passado, porém o preço está ainda baixo. Deu uma melhorada, pois antes vendi a banana por R$ 12,00 o milheiro. Acredito que foi por causa das chuvas, que este ano foi bem mais”. Porém, afirma ela que vai continuar cultivando

banana, apesar das dificuldades, pois sempre tem um rendimento certo, pois a banana de seu sítio é cortada mensalmente.

Segundo Grabois et al (1991, p.52),

> No bananal colhe-se continuamente, em condições normais, isto é, sem que haja redução do período chuvoso, após o primeiro ano. Nas propriedades de médios e grandes produtores, a colheita é semanal. Quanto menor a área cultivada, maior o tempo decorrido entre uma colheita e outra. Nas propriedades menores, onde os bananais têm em torno de 2 a 5 ha, a colheita se faz mensalmente. Apesar de haver colheita ao longo de todo o ano, na época seca, de outubro a janeiro, colhe-se em torno do triplo do que é obtido nos meses chuvosos, de menor produção. O rendimento por hectare da banana pacovan é de 60 a 70 milheiros por ha/ano, isto é de 6 a 7 t/ha.

Os rendimentos obtidos em curto espaço de tempo no cultivo da banana são a principal razão apontada por muitos produtores para a continuidade do seu cultivo, além da própria tradição de plantar banana na região.

A Associação dos Bananicultores de Borracha que funciona em sede provisória desde sua fundação, em 1994, vem tentando minimizar e até resolver os problemas dos pequenos e médios produtores, buscando financiamentos para aplicação em adubos e controle da praga da *sigatoka amarela* que é o mal que mais tem afetado a produção de banana, nos últimos anos, na região.

Atualmente a associação vem se reunindo com representantes do projeto Renascer que é ligado, juntamente com o PROMATA (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável à Zona da Mata) ao PRORURAL do Governo do Estado, em busca de apoio para a aquisição de atomizadores costais que permite a pulverização manual nos bananais, com vistas ao controle da praga da *sigatoka amarela*. Será realizado treinamento dos produtores, sobre a utilização do atomizador, a dosagem dos defensivos a serem utilizados e, de um modo geral, para a manutenção e o manejo dos equipamentos.

O recurso disponível para esse projeto é de R$ 32.368,32, deverá está sendo liberado em janeiro/2005, e destina-se à aquisição de quinze atomizadores que vêm com equipamento de proteção individual, (EPI) que inclui o atomizador, máscara de proteção, luvas, macacão de brim, botas de borracha e chapéu de palha.

Além de ser utilizado no combate das doenças na bananeira, os atomizadores

servirão também para realizar a adubação folhear (através das folhas). Os produtores deverão obedecer ao calendário da cultura da banana e concentrar mais a utilização dos atomizadores nos períodos que precedem às chuvas, logo no início do outono, segundo informações do técnico do Projeto Renascer.

Seguindo instruções do IPA (Instituto de Pesquisas Agropecuárias), que vem oferecendo assistência técnica na região, nos últimos anos, através de cursos e palestras sobre manejo da cultura da bananeira, as pulverizações devem ser iniciadas antes do período chuvoso e devem estender-se a toda a estação chuvosa, a intervalos de duas a três semanas, utilizando uma média de quinze litros de óleo mineral por hectare.

O apoio técnico do IPA inclui também o incentivo ao plantio de variedades mais resistentes à *sigatoka amarela*, como a espécie denominada *Pacovan Ken*, que é também resistente à *sigatoka negra*, uma praga que vem se alastrando nos bananais da região norte e centro-oeste e que vem causando apreensão entre os produtores de banana de Borracha. A instituição forneceu o quantitativo de 10 mudas dessa espécie por produtor mas os produtores temem que a diferença no sabor dos frutos, possa causar rejeição do produto nos mercado urbano.

Em conseqüência das características diversas das categorias de produtores, pode-se perceber claramente, na paisagem, duas realidades bem distintas em relação aos bananais da região: os bananais pertencentes aos grandes proprietários possuem arvores altas, com folhas verdes e largas e os frutos em grandes cachos em oposição aos bananais dos sítios dos pequenos produtores onde o mal da *sigatoka amarela* ataca as folhas de forma mais intensa, a plantação cujas arvores, de pequeno porte, frutificam em cachos pequenos e magros .

O mercado prefere, cada vez mais, os cachos maiores e as bananas que, no passado, conseguiam ser absorvidas pelo mercado urbano, passam à categoria de “loré”, que são os frutos pequenos, rejeitados pelo mercado, por não possuírem as características ideais de tamanho e beleza.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 08 – Bananal de um grande produtor, em Borracha.

A cultura da banana realizada nas vertentes dos vales e nas áreas de chãs, em sua maior parte, não é irrigada e sofre muito no verão, quando ocorre um aumento de temperatura e o agricultor apenas reza para que as chuvas não tardem. A crescente diminuição das chuvas, acompanhada do aumento das temperaturas, tem efeitos danosos para a produção: queda de produção, acompanhada de queda também dos preços, perda de qualidade da fruta, provocando perda de mercados, devido à oferta de banana de melhor qualidade de outras regiões que se beneficiam com uso de irrigação. Esta realidade retrata a situação dos pequenos e médios produtores de banana da região.

Dezembro/2004 Foto de Edilza Bandeira

Foto 09 – Bananal de um pequeno Produtor, com o mal da *sigatoka amarela*, em Borracha.

As técnicas de irrigação utilizadas na região são antigas e de baixo custo, como a técnica de infiltração, que é realizada cavando-se "valetas", porém sua utilização restringe-se às áreas mais planas dos sítios. Em áreas de maior declividade, alguns pequenos produtores utilizam o "carneiro hidráulico" que funciona como se fosse um filtro fechado, utilizando a própria força da água.

Em muitas das cento e cinqüenta pequenas e médias propriedades cultivadas com banana no entorno de Borracha, os proprietários utilizam motor de três cavalos e meio de potência, que funcionam a gasolina. Segundo os produtores, os altos

custos da energia elétrica têm impossibilitado sua utilização para a irrigação. Com a utilização do motor a gasolina, a irrigação torna-se viável, mas sua prática é lenta e limitada. Um produtor afirmou que essa técnica é muito econômica “A cada litro e meio de gasolina, consigo três horas de irrigação por dia”, diz ele.

De acordo com pesquisas do IPA, as variedades de banana existentes na Zona da Mata e no Agreste de Pernambuco não são as melhores, razão pela qual recomenda o cultivo da variedade Pacovan, pela sua maior produtividade em relação à Prata, além de sua maior resistência às pragas. Esse fato é confirmado por um grande produtor de banana em Borracha que trabalha, junto com os irmãos, nas terras do pai, e cultiva em uma área de 60 hectares com a variedade “Pacovan”, por ser mais resistente às pragas.

Um grande problema apontado por esse proprietário de bananais, é o relevo, de vez que as vertentes acentuadas dos vales, segundo ele, dificultam o desenvolvimento das bananeiras, pois o solo resseca mais rapidamente, e as águas do escoamento carregam os nutrientes do solo.

O crescimento da produção de banana na região tem-se dado, principalmente, devido ao aumento de área cultivada. Entrevista com moradores de Borracha mostrou que muitos estão realizando investimentos na compra de terras para cultivo de banana. Principalmente aqueles que retornaram de São Paulo, a exemplo de um produtor, que lá morou 08 anos. Diz ele: “Trabalhava na Universidade do Morumby, mas fiquei desempregado, minha carteira foi dada baixa e recebi 14 mil reais. Resolvi voltar para Borracha, comprei uma terra e vou adubá-la com estrume de gado para plantar banana”.

Assim, constatou-se que, desde a década passada, a pequena produção vem apresentando grande importância na região que, volta-se, cada vez mais, à produção de banana.

Além destas, observamos outras transformações à medida que visitamos o entorno do povoado, onde verificamos alguns investimentos alternativos, na presente década, que vêm dinamizando, de forma gradual, a economia local. Dentre estes, figuram a prática de apicultura, caprinocultura e suinocultura, a exemplo da

propriedade Sítio Novo que se situa no entorno do povoado de Borracha, e possui agronegócio de suinocultura, com animais da raça alemã *landrace x large White*, com cruzamento da genética *timbó*. O criatório é realizado com técnicas da engenharia genética, como a inseminação artificial, desde o ano de 2002.

A partir de 2004 foi inaugurada uma nova etapa desse investimento com a construção de uma "maternidade", uma vez que a criação visa a reprodução e não a "engorda". Com a criação de novos espaços, houve um aumento no número de animais que totalizam atualmente, 20 matrizes e 2 reprodutores.

Essa pecuária moderna foi introduzida na região por veterinários, filhos de proprietários rurais que migraram nas décadas passadas e se especializaram em países europeus. Também o antigo Engenho Paroes pratica criação de ovelhas da raça *Santa Inês*.

No caso da propriedade Sítio Novo, a produção de suínos está sendo absorvida pelos pequenos criadores da região. Eles compram os filhotes com 30 dias de vida, para "engorda". Conta a veterinária e também sócia do investimento Dra. Edna Kotzias Bandeira: "Neste inicio do negócio, a quantidade de filhotes que estamos oferecendo ao mercado ainda é muito reduzida, uma vez que possuímos apenas 20 matrizes, considerando que cada uma tem, em média, 20 filhotes por ano".

Os pequenos criadores que adquirem os filhotes para "engorda", os alimentam com restos de comida, associados a um pouco de ração industrial para suínos. Eles adquirem a ração no novo supermercado de Borracha e os animais são criados em pequenos espaços próximos a suas residências, quando estas se situam em sítios.

Em outros casos, os suínos estão sendo criados em uma área próxima ao povoado, cedida para tal fim pelo Sr. Moisés, que é proprietário de bananais e também presidente da Associação dos Bananicultores de Borracha, em troca do estrume dos animais que ele utiliza para adubação de suas terras. A população local denomina este espaço de "terreno de Moisés".

CAPÍTULO 4

FATORES INTERNOS E EXTERNOS DA EXPANSÃO DEMOGRÁFICA E ESPACIAL DO POVOADO DE BORRACHA

Segundo dados dos Setores Censitários do IBGE, a população do povoado de Borracha no ano de 2000, era 1937 habitantes. O crescimento demográfico visível no espaço, através da construção de novas habitações, tem-se dado por efeito tanto da transferência da população dos sítios para o povoado, como das migrações de retorno de pessoas que, no passado, migraram para São Paulo e estão regressando para Borracha.

Alguns fatores fizeram deste espaço um lugar atrativo para muitos. Dentre tais fatores, cabe destacar a ampliação do Colégio Municipal José Rufino, no ano de 1988, que motivou um grande aumento do fluxo de caminhões e caminhonetes que transportam alunos da área rural para o povoado, provocando a ampliação do mercado consumidor de produtos e serviços, ali, ofertados e adquiridos por esses alunos e seus familiares que continuam a residir nos sítios. De acordo com Santos (1981, p. 43): “É difícil em muitos casos estabelecer com precisão se a população é que cria a atividade ou se esta é que permite subsistir e se desenvolver uma tal estrutura da população”.

Conforme mencionado no capítulo 1, vem ocorrendo o crescimento econômico do povoado, tanto através do aumento no número de estabelecimentos comerciais com o surgimento de mercearias, sorveterias, lojas, padarias e supermercados, como através de reforma e ampliação de estabelecimentos já existentes.

Alguns dos antigos moradores dos sítios, pequenos e médios proprietários de bananais, que se deslocaram para o povoado, passaram a fazer investimentos no comércio, a exemplo da instalação de um armazém de construção que vem

atendendo a área de influência do povoado, com materiais, demandados por novas construções.

O povoado de Borracha, na presente década, vem apresentando um processo de expansão do habitat, tendendo a uma concentração demográfica cada vez maior e a passar tendendo a passar de área de emigração para área de imigração.

Para se entender o crescimento do processo das migrações para o povoado, é necessário analisar três aspectos envolvidos nessa dinâmica. Em primeiro lugar, cabe mencionar o aumento da violência no campo, através da prática de roubos e assaltos, facilitada por um maior isolamento dos sítios, ocasionado pela expansão da cultura da banana.

Desse modo, uma grande parcela de pequenos proprietários e trabalhadores foi impelida a residir no povoado. Este fato é confirmado pela Sra. Maria José do Espírito Santo, que é proprietária de um pequeno sítio com quatro hectares de terras cultivados com banana e que reside na porção norte do povoado há 19 anos, Diz ela: "Resolvi comprar esta casa e vir morar em Borracha porque estava perigoso morar no meu pequeno sítio na Onça. Os roubos aumentaram muito e não dava mais para continuar lá. Sinto saudades do sítio porque lá eu tinha espaço e plantava algumas coisinhas". Segundo SANTOS (1981, p. 26),

> Então, é risível atribuir o êxodo rural principalmente à atração psicológica, como muitos ainda afirmam ou simplesmente ao meio de vida melhor que a cidade oferece, pelos serviços, sobretudo a educação gratuita, ou ao fato de que o nível de vida na cidade é mais elevado do que o da zona rural. Trata-se na maioria dos casos de uma urbanização forçada, mesmo se a violência é mascarada.

Em segundo lugar, cabe mencionar o desejo de ascensão social da população, que busca maior facilidade de acesso a educação, a saúde e a residências mais confortáveis que dispõem de energia elétrica e água encanada etc, contribuindo, dessa forma, para o crescimento dos serviços, em razão do aumento do mercado consumidor no povoado. Segundo ANDRADE (1974, p. 16):

> A concentração de população provoca a concentração de uma série de serviços, ora mantidos pelo poder público, ora por entidades privadas. Estes serviços estimulam o crescimento do poder polarizador, do centro urbano onde se instalam, de vez que atraem para aí uma série de clientes.

Um terceiro fator de crescimento do povoado é o processo da expansão dos bananais, que vem provocando desapropriação de terras e a conseqüente expulsão de antigos moradores dos sítios para as pontas de rua do povoado. Interessa ao proprietário de terra, cada vez mais, uma maior área para plantio, e não a permanência do morador em suas terras.

No processo de desapropriação, os grandes proprietários, em geral, não levam em consideração o tempo de permanência dessa população nos sítios que às vezes, chega a 40 anos. Segundo pesquisa na área, os proprietários convencem os moradores a trocarem o pequeno sítio por uma casa no povoado. Em outros casos, a família preferiu migrar, após juntar o dinheiro da venda de alguns animais e receber a ajuda de filhos que vivem em São Paulo. Essas famílias não tiveram paciência de esperar pela indenização, prometida, mas demorada, e resolveram mudar-se para o povoado. Segundo a Sra. Maria "A banana já estava chegando na minha porta, nós não tínhamos mais espaço para plantar".

Assim, muitos pequenos proprietários e trabalhadores rurais passaram a residir no povoado e a deslocar-se para os sítios para suas rotinas diárias de trabalho. A maioria dos grandes proprietários possui trabalhadores permanentes que são assalariados incluindo ainda alguns moradores, como é o caso dos trabalhadores do engenho Paroes, localizado ao sul de Borracha.

O trabalho nas plantações é geralmente temporário e o acerto é feito no centro do povoado onde ocorrem as negociações acerca do horário e do pagamento que depende da função que cada trabalhador irá desempenhar (cortar a banana, tombar a banana, carregar os caminhões, limpar o mato). Segundo Maciel (1992, p.145):

> A perspectiva do morador tem sido nestes tempos também a de vida urbana. È preciso refletir, porém, sobre suas motivações que, na verdade, conduzem ao emprego rural. Na "rua", forma concentrada do habitat, ele pode barganhar melhor o seu salário do que parcialmente isolado no "chão de casa" do engenho onde, além do mais, não tem tempo nem espaço para cultivar suas lavouras. Na "rua" tem o conforto mínimo de água, luz e assistência médica mais rápida.

Portanto, podemos afirmar que o crescimento demográfico do povoado, de certa forma estimulou o seu crescimento espacial, porém devemos atentar para outros fatores, pois segundo Santos, (1981, p. 75),

> Os fatores demográficos não são suficientes para assegurar o crescimento urbano. Para transforma-los em elementos motores do crescimento seria preciso que eles se desenvolvessem ao mesmo tempo que a infra-estrutura econômica (sobretudo os transportes) e paralelamente à capacidade da cidade de se beneficiar com investimentos de capitais regionais ou exteriores à região.

No caso, de Borracha esse investimento de capitais adveio de proprietários de bananais da região e de pessoas que retornaram de São Paulo.

CONCLUSÃO

As transformações econômicas e sociais que ocorrem em meados da década de 1960 e de 1970 e se tornam mais intensas do início da década passada até a atual refletem-se no crescimento do povoado de Borracha, conferindo-lhe uma estrutura sócio-espacial diversa daquela dos tempos da economia cafeeira. Por volta do início do século passado o povoado possuía apenas uma rua principal e algumas casas de comércio.

Com o segundo boom bananeiro, motivado pela crise do Próalcool a partir de meados dos anos 1980, a monocultura da banana firmou-se como atividade agrícola predominante na região, eliminando quase totalmente o seu antigo caráter policultor. Os espaços, antes, policultores passam a ser ocupados pela cultura da banana, ao mesmo tempo que ocorrem novos investimentos, através de compra de terras para o seu cultivo.

Estimulado por essa dinâmica, o povoado de Borracha passa a crescer em ritmo acelerado evidenciado, no espaço, através da implantação de novas construções (Clube social, ampliação do Colégio Municipal José Rufino em 1988) e do surgimento de loteamentos ao norte do povoado.

A região do povoado de Borracha é considerada por muitos como uma área de concentração de população de "boa renda econômica", o que tem motivado o aumento no número e do porte dos estabelecimentos comerciais do povoado, evidenciando a ampliação do mercado consumidor.

O crescimento territorial de Borracha bem como o processo de diferenciação social e econômica que acompanhou esse crescimento refletem a estrutura e a dinâmica da economia rural de seu entorno, na medida em que as categorias que lideram a economia e a sociedade do povoado – proprietários de grandes, médios e

pequenos estabelecimentos comerciais – são, em geral, grandes, médios e pequenos produtores de banana. A essas categorias soma-se um grande número de trabalhadores rurais, na maior parte ex-moradores que, expulsos dos sítios pela expansão dos bananais, ocupam pontas de rua e outras periferias do aglomerado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. O Vale do Siriji. Recife;1968.

_____. Cidade e Campo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1974.

_____. A Questão Territorial no Brasil. Recife: Hucitec, 1995.

_____. Pernambuco Imortal.O império sofre e agoniza.Recife: Governo do Estado de Pernambuco/jornal do comércio, fasc. 9, 1995.

_____ .et al. Atlas Escolar de Pernambuco. João Pessoa: grafset, 2003.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. [s.n.t.].

CERQUEIRA, Ricardo Ramos. Jornadas de Capacitação do Produtor Rural. Recife, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. 2. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil,1982.

GEORGE, Pierre. Geografia Urbana. São Paulo: Difusão Editorial,1983.

GONI, Arturo Jordan. Há Espaço para as Pequenas Empresas no Mundo dos Negócios? Cadernos temáticos, Recife, n° 3, 1998.

GRABOIS. José; SILVA, Mauro José. Estudo da Organização de um espaço Periférico. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, v. 53, n. 2, p. 33-62, abr./mar. 1991.

GRABOIS. José; SILVA, Mauro José. MACIEL, Caio augusto Amorim. Reordenação Espacial e Evolução da Economia Agrária. Revista Brasileira de Geografia, Rio de janeiro: IBGE, v.54, n.1, p. 121-177, jan./mar. 1992.

MACIEL, Alessandra Alcoforado et al. Programa de Desenvolvimento Local/Pré-Diagnóstico do Município de Vicência. Recife, 1998.

MACIEL, Caio Augusto de Amorim. Modernização da Agricultura e o Papel da Grande Produção na Reordenação Espacial nas Terras Altas da Transição Agreste/Mata Norte de Pernambuco. Recife, 1992. (Mestrado em Geografia Agrária). Departamento de Ciências Geográficas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco,1993.

MELO, Alcilia Afonso de Albuquerque. Potencialidades turísticas de Vicência. Pernambuco, 1998.

MORGAN, Gareth. Imagens da organização. São Paulo: Atlas, 1996.

PERES, José Augusto. A elaboração do projeto de pesquisa. 4. ed. João Pessoa: Micrográfica, 1990.

PORTO, M. S. G., SIQUEIRA D. E. A pequena produção no Brasil: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: Programa Pós-Graduação em Sociologia, v.6. 1994.

SANTOS, Milton. Por Uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____ . Manual de geografia Urbana. São Paulo: Hucitec, 1981.